

# Ácaro-vermelho-das-palmeiras: nova praga do coqueiro no Vale do São Francisco

O inseto foi identificado pela primeira vez no ano de 2017, no município de Petrolina-PE, associado às culturas do coqueiro e da bananeira. A identificação se deu por uma das suas características mais ameaçadoras: o rápido aumento da população na área de cultivo. As fêmeas põem grande quantidade de ovos e a formação de uma nova geração de adultos ocorre em aproximadamente 23 a 24 dias.

De acordo com o pesquisador José Adalberto de Alencar, da Embrapa Semiárido, que fez a identificação da praga, além do fácil modo com que se dissemina - pelo vento ou ação do homem – as infestações desse ácaro podem reduzir as produtividades em mais de 50%.

Em todos os estádios de desenvolvimento – do ovo à fase adulta – o inseto, conhecido como *Raoiella indica*, exibe uma coloração vermelha intensa. A presença nas culturas pode ser observada, preferencialmente, na face inferior das folhas ou folíolos. No ato de se alimentar, danifica as células dos tecidos da planta comprometendo a área foliar, que passa a adquirir aparência amarelada e, na sequência, evolui para a necrose e interrompe os processos de formação de frutos.

“As condições climáticas do Submédio do Vale do São Francisco são especialmente propícias à proliferação do inseto: o curto período chuvoso e os dias quentes em grande parte do ano favorecem o aumento da população do ácaro”, garante José Adalberto.

O ácaro-vermelho-das-palmeiras foi registrado, pela primeira vez, na região do Caribe. Em menos de seis anos, disseminou-se pra diversos países das Américas: Estados Unidos, México, Colômbia, Venezuela e Brasil, entre outros. No Brasil, foi relatado pela primeira vez em 2009, em Roraima. Desde então, tem se expandido por outros Estados da Federação a ponto de se instalar em praticamente todas as regiões produ-



Arquivo pessoal

toras de coco do país, em especial no Nordeste.

Segundo José Adalberto, embora tenha feito registro da presença do ácaro em pomares de toda a região do Submédio do Vale do São Francisco, não foram constatadas perdas significativas nas áreas cultivadas de coqueiros e bananeiras. Porém, ele alerta para que os produtores fiquem atentos à ocorrência inicial da praga nas suas propriedades, pois esse é o “momento recomendado” para conter a população do inseto e impedir que infeste todo o plantio, tornando o controle mais difícil e caro pelo uso de insumos químicos.

“É preciso estar atento porque, embora infeste preferencialmente coqueiros, esse ácaro pode ocasionar sérios danos à cultura da bananeira e diversas espécies de plantas ornamentais”, afirma. O relato em diferentes países onde a praga se

instalou é de reduções significativas nas produtividades, registradas quando os cuidados necessários deixam de ser adotados de forma correta e no tempo certo.

José Adalberto chama a atenção dos produtores para se precaverem ao adquirirem mudas. “É importante que o façam tão somente junto a viveiristas com registro no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). No Ministério, por sua vez, não há princípio ativo registrado para o controle químico do ácaro. Contudo, pesquisas realizadas em outros países das Américas encontraram resultados satisfatórios no controle dessa praga com o uso de óleos vegetais e produtos à base de enxofre.

Nessa linha de pesquisa, recentemente José Adalberto instalou experimentos de campo nas condições do Vale São Francisco e ratificou a eficiência dos óleos vegetais e enxofre para *R. indica* em coqueiro, com maior eficiência para o enxofre na forma de pó seco. Entretanto, além desses dois produtos, o princípio ativo fenpiroximate, registrado no MAPA para o ácaro-da-necrose-do-coqueiro, apresentou elevada eficiência no controle do ácaro-vermelho-das-palmeiras.

O uso de óleos vegetais e de produtos menos tóxicos apresenta menor impacto ambiental, por serem menos nocivos à fauna benéfica que está presente no agroecossistema do coqueiro e que contribui significativamente para a redução populacional das pragas que atacam as plantas cultivadas, explica.

Segundo o pesquisador, a Embrapa Semiárido tem forte preocupação com esse tema e por isso outros trabalhos de pesquisas encontram-se em andamento, para que, pelo menos em médio prazo, os produtores de coco possam ser assistidos com novas informações no controle da praga, contribuindo com a sustentabilidade da cadeia produtiva do coqueiro no Vale do São Francisco.

# Jornal do SEMIÁRIDO 46

Petrolina - PE / Ano XV / Dezembro de 2017

## SemiáridoShow integra caminhos dos alimentos do campo até a mesa

Pág. 4-5



Vinhos de altitude, teor de qualidade

Pág. 3

Água salobra: uso produtivo

Pág. 7

Pesquisa identifica praga do coqueiro

Pág. 8



# Projeto incentiva cultivo de frutas nativas



Foto: Juliana Miura

Sistemas de produção baseados no cultivo de frutas nativas – umbu e maracujá-do-mato – incorporam inovações que, no médio e longo prazos, podem ser garantia de atividade econômica que sustente a permanência da juventude rural no campo. A base para estruturar esses sistemas tem sido construída por projeto que envolve a Embrapa Semiárido, juntamente com a Superintendência da Agricultura Familiar (Suaf), da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) do Governo do Estado da Bahia, a Rede de Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido (Refaisa) e a Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia (Aecofaba).

Fruto da sua execução desde 2015, o projeto já dispõe de viveiros instalados em 12 dessas unidades escolares, com cerca de 50 mil mudas de umbuzeiro e 100 mil de maracujazeiro-do-mato, prontas para serem implantadas em proprie-

dades de familiares de 1200 estudantes – 100 de cada escola. O objetivo é trabalhar a reposição da espécie explorada pelo extrativismo, a fim de aumentar a densidade de plantas na vegetação nativa, e, também, dispor de uma fonte de renda para o agricultor.

No Seminário sobre “Fruticultura de Sequeiro”, realizado durante a Feira SemiáridoShow 2017, em Petrolina-PE, as instituições responsáveis pelo projeto convidaram um representante do Banco do Nordeste para discutir linhas de crédito junto ao Pronaf Jovem que podem ser acessadas pelos estudantes para investir em atividades de implantação de fruticultura de sequeiro. Para Fabrício Bianchini, responsável pelo Setor de Implementação da Programação de Transferência de Tecnologia (SIPT) da Embrapa Semiárido, uma linha de crédito a juros acessíveis pode significar a viabilidade econômica dessa atividade.

## Expediente

Jornal do Semiárido é uma publicação do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

**Chefe-Geral**  
Pedro Carlos Gama da Silva

**Chefe Adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento**  
Flávio de França Souza

**Chefe Adjunto de Transferência de Tecnologia**  
Sergio Guilherme de Azevedo

**Chefe Adjunta de Administração**  
Neide Medeiros Gomes Lopes

**Responsável pelo Núcleo de Comunicação Organizacional**  
Fernanda Muniz Bez Birolo

**Redação/Edição**  
Marcelino Ribeiro (MTb/BA 1127)  
Fernanda Birolo (MTb/AC 81)  
Maria Eduarda Abreu (Estagiária)

**Revisão**  
Gilberto de Souza Pires

**Projeto Gráfico/Diagramação**  
Paulo Pereira da Silva Filho  
José Clelis Bezerra

**Foto da capa**  
Juliana Miura

**Contato**  
semiario.imprensa@embrapa.br  
(87) 3866-3734

**Embrapa Semiárido**  
BR 428 – Km 152 - Zona Rural  
Caixa Postal: 23  
CEP: 56302-970 - Petrolina - PE - Brasil  
Fone: (87) 3866-3600  
Fax: (87) 3866-3815  
www.embrapa.br/semiario

**Tiragem:** 500 exemplares



# Tecnologias ampliam uso de águas salinas na agricultura do Semiárido

As secas têm intensificado a crise hídrica no Semiárido do Brasil. Contudo, o fenômeno que afeta o abastecimento de grande contingente de pessoas, em especial nas áreas rurais, e os sistemas de produção da agricultura familiar, tem posto em evidência o aproveitamento das águas com altos teores de sais, abundantes no subsolo da região.

Informações levantadas em projetos de pesquisa em execução na Embrapa Semiárido apontam a variação da qualidade dessas águas armazenadas a profundidades diversas e que podem ser empregadas na dessedentação dos rebanhos e na irrigação de plantas forrageiras que possam garantir uma dieta de qualidade aos animais.

De acordo com o pesquisador Gherman Garcia Leal de Araújo, ante a maior seca que atingiu a região nas últimas décadas, a exploração desses recursos garantiu a muitas propriedades a estrutura forrageira necessária para que os agricultores reduzissem os gastos ou mesmo parassem de dispender recursos com a compra de ração no comércio.

Segundo ele, em área de testes no Campo Experimental da Caatinga, em Petrolina-PE, a suplementação hídrica por meio de um sistema de irrigação por gotejamento em plantios de palma, por exemplo, além de evitar que plantas viessem a definhar e mesmo morrer, fez a produtividade média saltar de 100 t/ha para 500-600 t/ha de massa verde. Resultados semelhantes alcançados pelos agricultores garantem a manutenção dos animais em boas condições.

No caso de obtenção de safras de 600 t/ha/ano de matéria verde, a conversão em água é estimada em 540 t de água ou 34 cisternas de 16 mil litros.

A maior disponibilidade de palma nas propriedades tem outra grande vantagem num local seco como é o Semiárido: o aumento da oferta de água para os rebanhos. “O fornecimento adicional de água



Foto: Marcelino Ribeiro

promove o crescimento mais intenso das plantas de palma em relação às cultivadas em condições de sequeiro”, garante Gherman.

No subsolo do Semiárido brasileiro, afirma, predominam as rochas cristalinas, “pouco permeáveis e, em grande parte, as águas são salinas ou salobras”. Esses tipos de rochas ocorrem em aproximadamente 80% da região. Segundo dados oficiais, nessas áreas existem atualmente cerca de 150.000 poços perfurados, com vazões médias em torno de 1.000 litros/hora. Na maioria dos casos apresentam teores de sais superiores a 1 grama por litro, o que as tornam impróprias para o consumo humano.

**Programa** - As pesquisas iniciais realizadas na Embrapa Semiárido desenvolveram um modelo de exploração integrado a poços que dispunham de equipamentos dessalinizadores instalados para transformação da água salobra em potável. O modelo tinha por base o aproveitamento do efluente em atividades produtivas: criação de peixes e irrigação da erva-sal (*Atriplex nummularia*), planta forrageira adaptada a solos salinos. O sistema foi integrado a um programa do Ministério do Meio Ambiente, o Água Doce.

Com esse sistema, o efluente deixava de ser despejado sem qualquer tratamento, evitando um grave problema ambiental,

pois o acúmulo desse material nas camadas superficiais do solo torna a área imprópria para a agricultura e ainda corre o risco dos sais serem lixiviados pelas chuvas e atingirem o lençol freático.

O modelo funciona com três tanques escavados e impermeabilizados, cada um com capacidade de armazenar 330 m³ de rejeito do dessalinizador. Em dois, são criados os peixes. Parte do rejeito de ambos, acrescido da matéria orgânica produzida pelos peixes, passa a ser despejado em um terceiro, e, daí, é canalizado para irrigar as plantas forrageiras.

Na sequência de novas pesquisas, ele explica que foram geradas tecnologias que fizeram ampliar os usos das águas salinas, de forma mais flexível na criação de peixes e no cultivo, sob irrigação sazonal, de outras espécies: palma, gliricídia, leucena, melancia forrageira e sorgo.

Para Gherman Araújo, as pesquisas para desenvolvimento da agricultura bioassalina estão fornecendo informações importantes para agricultores minimizarem os riscos de degradação dos seus solos com o sais presentes nas águas. Práticas como a rotação nas áreas de cultivo aliadas ao uso eficiente da irrigação e de manejo do solo, podem ser a garantia de uma atividade que gera renda e segurança alimentar para os agricultores familiares da região.





## Embrapa recomenda cultivar de pomelo para plantio irrigado

A cultivar, de origem norte-americana e de nome 'Flame', tem sido avaliada em áreas experimentais da Embrapa desde 1996. Em condições irrigadas e num espaçamento de 6,00 m x 4,00 m, alcança produções que variam entre 35 e 40 toneladas/hectare de frutos arredondados, com peso em torno de 350g, casca lisa com uma coloração rosada intensa e polpa avermelhada.

A proposta de recomendação dessa espécie de citro, também conhecida como “grapefruit”, é resultado de estudos que envolveram pesquisadores de duas Unidades – a Embrapa Semiárido, em Petrolina (PE), e a Embrapa Mandioca e Fruticultura, em Cruz das Almas (BA) – com o objetivo de ampliar as alternativas para diversificação da fruticultura no Semiárido.

De acordo com a engenheira agrônoma Débora Costa Bastos, uma das coordenadoras da pesquisa, a viabilidade técnica do plantio comercial dessa cultivar se deu no contexto de avaliações de várias espécies de citros (laranjas, limões, limas, tangerinas e pomelos) nas condições irrigadas e ambientais do Submédio do Vale do São Francisco.

O pomelo ainda é pouco plantado e conhecido no país. No mercado interno, costuma aparecer entre os meses de maio a agosto. O sabor ácido e ligeiramente amargo faz com que o seu destino seja o processamento nas indústrias de sucos, geleias, doces e cosméticos. É o caso, por exemplo, das safras colhidas no Rio Grande do Sul: os frutos praticamente não têm consumo in natura.

Situação inversa acontece nos mercados da China, Estados Unidos, México, África do Sul, Turquia e Israel, onde parte expressiva da comercialização é para o consumo in natura.

“Os frutos são de excelente qualidade”, afirma a pesquisadora. Para usar as referências técnicas, eles alcançam teor de sólidos solúveis totais em torno de

12,2%, a acidez total titulável 1,45 e a relação entre eles é de 8,41”. Estes dados significam que os teores de açúcar e de acidez estão equilibrados. Além disso, conforme estudos, apresenta propriedades medicinais relacionadas à perda de peso e à prevenção de doenças ligadas à circulação sanguínea.

O pomeleiro 'Flame' é susceptível ao vírus da tristeza de citros (VTC). Contudo, nas condições do Vale, do São Francisco, as plantas apresentam “vigor extraordinário, independente da severidade dos sintomas”. Para evitar a gomose, doença causada por fungos do gênero *Phytophthora*, recomenda-se o uso de porta-enxertos resistentes, como o ‘Trifoliata’ e seus híbridos.

Para Débora Bastos, a recomendação do pomelo 'Flame' oferece aos agricultores e empreendedores da região outra opção

de cultivo com potencial para alcançar mercados consumidores importantes.

Outro integrante da equipe de pesquisadores, Marcelo Calgaro, da Embrapa Semiárido, garante que, diferente de outras regiões do país, no Vale do São Francisco não tem grande incidência de pragas ou doenças que afetem o seu desenvolvimento. As condições de solo e clima da região fazem com que a fruta produzida aqui se destaque com relação à coloração e teor de açúcar.

A proposta de recomendação da cultivar foi realizada em Petrolina-PE, durante a sétima edição do SemiáridoShow, em novembro de 2017. O evento foi acompanhado por produtores, engenheiros agrônomos, técnicos e estudantes. O próximo passo da equipe de pesquisadores é publicar informações técnicas mais detalhadas sobre o cultivo do pomelo.



Foto: Marcelo Calgaro

## Regiões de altitude: Embrapa pesquisa novas áreas vinícolas em microclimas do Semiárido

A elaboração de vinhos finos em locais do Semiárido que se elevam por centenas de metros acima do nível do mar, como Garanhuns (PE) – 900 m – e Morro do Chapéu (BA) – 1.100 m –, é tema de projetos em execução por pesquisadores da Embrapa e que envolve profissionais de instituições estaduais, de universidades e empreendedores privados. As diversas variedades viníferas submetidas a testes têm apresentado resultados promissores de produção no campo e de qualidade do vinho.

Em Garanhuns, numa pesquisa conjunta com a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), o Instituto Agromônico de Pernambuco (IPA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF Sertão-PE), um evento de degustação dos primeiros vinhos processados de 10 variedades de uvas europeias colhidas em área experimental arrancou elogios entusiasmados de consumidores locais. Para a pesquisadora Aline Telles Biasoto Marques, da Embrapa Semiárido, a safra colhida é um bom indicativo do potencial da região para produção em escala comercial.

“Os vinhos finos secos se enquadraram dentro dos limites da legislação brasileira para todos os parâmetros avaliados: teor alcoólico, teor de açúcares, acidez total e volátil e dióxido de enxofre total”, afirma.

Com a pesquisa ainda em andamento, a equipe busca agora ajustes no sistema de manejo das videiras, focando aspectos como aumento da produção, práticas de poda e a identificação do momento certo para realizar a colheita, a fim de dispor de frutos com os compostos fenólicos equilibrados na vinificação. “Grande parte da qualidade do vinho depende do manejo das plantas no campo”, explica a pesquisadora da Embrapa Semiárido e líder do projeto Patrícia Coelho de Souza Leão.

De acordo com ela, os testes implantados no Campo Experimental do IPA, em Brejão, na microrregião de Garanhuns,



Foto: Marcelino Ribeiro

permitiram identificar as variedades que melhor se adaptaram às condições de solo e clima do local. Entre elas estão três variedades brancas – Muscat Petit Grain, Sauvignon Blanc e Viognier – e três de uvas tintas – Malbec, Cabernet Sauvignon e Syrah.

Na avaliação da professora de Enologia Ana Paula André Barros, do IF Sertão-PE, “os tintos se mostraram fiéis às características varietais e exaltaram a personalidade de vinhos jovens”. Os brancos, por sua vez, são “marcantes como varietais e apresentaram sensações visuais, olfativas e gustativas que podem indicar uma tipicidade do terroir do local”. Terroir, como explica a enóloga, “seria a expressão da harmonia entre a cultivar (uva), o solo, o clima e a ação do homem (manejo)”.

Além da altitude, Garanhuns apresenta temperatura média anual de 20,6° C. As características climáticas estão em uma transição entre aquelas registradas nas regiões vinícolas do Semiárido brasileiro (Submédio do Vale do São Francisco) e as do Sul e Sudeste onde, também,

surgem novos polos vinícolas em áreas de altitude de Santa Catarina e no sul de Minas Gerais.

Na dissertação de Mestrado “Aptidão de cultivares de videira para produção de vinhos finos na microrregião de Garanhuns-PE: Estudos iniciais”, defendida na UFRPE, o engenheiro agrônomo Rodrigo Leite de Souza identificou semelhanças de clima com, ao menos, oito regiões vinícolas tradicionais de cinco diferentes países: Espanha (Málaga e Tenerife), Israel (Haifa), Itália (Lecce e Trapani), Tunísia (Bizerte e Nabeul) e Turquia (Izmir).

A pesquisadora da Embrapa Semiárido Patrícia Coelho de Souza Leão considera que desenvolver a vitivinicultura em regiões de vocação natural para o turismo, associado ao clima ameno e invernos mais rigorosos, poderá vir a ser uma nova alternativa de cultivo para agricultores familiares organizados ou médios empresários. É o que já ocorre com sucesso na Serra Gaúcha, ao integrar cultivo da videira, enoturismo, e setores de serviços como hotelaria e gastronomia.



# SemiáridoShow integra caminhos dos alimentos do campo até a mesa

Até que um alimento chegue à mesa do consumidor, são muitas as etapas pelas quais eles passam. E a sétima edição do SemiáridoShow, a feira da agricultura familiar realizada entre os dias 7 e 10 de novembro de 2017, em Petrolina-PE, mostrou boa parte desse caminho, promovendo, inclusive, a integração entre os mais diversos setores desta cadeia.

O ciclo começa no campo, com o cultivo das plantas e a criação dos animais. O trabalho é feito pelos agricultores – principal público-alvo da feira, na qual estiveram presentes, em grande número, participando das mais diversas atividades, levando seus conhecimentos e trocando experiências.

E para que a atividade agropecuária seja mais eficiente e produtiva, especialmente nas condições do Semiárido brasileiro, outra etapa de fundamental importância é a pesquisa científica, que busca soluções e alternativas apropriadas para a realidade de cada localidade. Este é o principal conteúdo da feira, que, segundo o chefe

geral da Embrapa Semiárido (Petrolina-PE), Pedro Carlos Gama da Silva, “tem como objetivo permitir o acesso de milhares de agricultores às informações, conhecimentos e tecnologias geradas pela Embrapa e diversas instituições de pesquisa e desenvolvimento que atuam na região”. E com um grande diferencial: a integração entre os agricultores e os técnicos e pesquisadores, que ficam disponíveis no local para a troca de conhecimentos.

Após a produção, os alimentos seguem para a comercialização, com ou sem processamento. Esta etapa também pôde ser observada durante o SemiáridoShow, através da Vila da Economia Solidária, onde diversos empreendimentos de agricultores familiares estiveram expondo seus produtos, a exemplo de derivados do umbu, do licuri e do leite de cabra, entre tantos outros.

Por fim, uma novidade neste ano foi a demonstração da etapa final desta cadeia: o preparo dos alimentos para o

consumo. A primeira edição do Festival de Sabores da Caatinga cumpriu esse papel, reunindo chefes de cozinha e lançando a eles o desafio de utilizar os produtos disponíveis na feira e na região, demonstrando o seu preparo para os participantes, que também tiveram a oportunidade de degustar os pratos que resultaram dessa experiência.

O Festival reuniu, ainda, especialistas para prestar informações sobre os produtos a serem utilizados na cozinha-show. Foi o caso da pesquisadora Teresa Herr Viola, da Embrapa Meio Norte (Teresina-PI), que trouxe esclarecimentos sobre a galinha caipira da raça Canela Preta, resgatada pela equipe da Embrapa. Ao mesmo tempo, a ave era preparada pelo chef Yuri Alvares, do restaurante Pedra Poã (Salvador-BA). Yuri, por sua vez, teve a oportunidade de, após o preparo, também ir ao campo para conhecer de perto a matéria-prima com a qual trabalhou e que, segundo ele, “foi um caso de amor”, pelo seu excelente resultado na panela.



## A feira em números

O SemiáridoShow 2017 se consolidou, mais uma vez, como o maior evento promovido pela Embrapa no Nordeste. Realizado em uma área de 20 hectares, recebeu a visita de um público estimado em 10 mil pessoas, entre agricultores familiares, técnicos de assistência técnica e extensão rural, estudantes de nível médio e superior ligados às ciências agrárias e outros interessados.

No total, cerca de 100 tecnologias foram demonstradas, implantadas no campo ou em exposições nos estandes institucionais. Também foram realizados 36 cursos de capacitação para técnicos e agricultores, com mais de 1.300 participantes, englobando temas como a gestão e uso da água – seja de chuva, de poço, salina ou salobra, com uso de irrigação de baixo custo e de tecnologias como a barragem

subterrânea –, a criação de animais – caprinos, ovinos, galinhas e abelhas-sem-ferrão –, abordando desde o planejamento, administração da propriedade, manejo, produção de forragem e controle de doença –, entre diversos outros temas, como associativismo, produção de sementes, preservação ambiental e saneamento básico rural.

Ao longo dos quatro dias de realização do evento, a programação contou ainda com seis seminários temáticos, os quais tiveram mais de 1.000 participantes. Entre os temas debatidos estiveram as energias renováveis, o turismo rural, aspectos da produção agropecuária no Semiárido, como a fruticultura de sequeiro e a criação de caprinos e ovinos, além da gestão territorial de povos indígenas e comunidades quilombolas.

## Parcerias

O SemiáridoShow é realizado pela Embrapa e, nesta edição, contou com a Fundação de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento (Faped) e o Sindicato dos Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais de Petrolina (Sintraf) na organização. O evento teve, ainda, o apoio de diversos Ministérios – da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Desenvolvimento Social e Agrário, Meio Ambiente, Integração Nacional –, instituições do Governo Federal – a exemplo da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário, Banco do Nordeste, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) –, e dos governos estaduais do Piauí, Pernambuco e Bahia. Entre os apoiadores, estiveram também a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), empresas e organizações da sociedade civil.